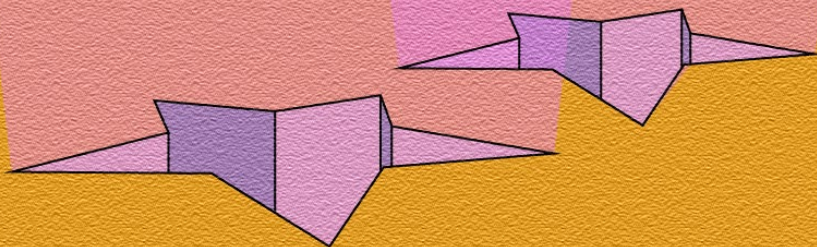


não existe educação  
**NEUTRA**



toda neutralidade  
afirmada é uma  
opção escondida.



**Érica Nógui // CE, Brasil** “Quando tive contato com a proposta pela primeira vez me veio uma explosão de informações que sei sobre Paulo Freire a partir da licenciatura, afinal, o conhecimento expande a mente. Imagino que as pálpebras dos olhos são um dos responsáveis por cumprir o papel de entrada para essa expansão que é tão temida pelos vermes. Expansão me remete ao céu estrelado que em meio ao caos permanece atento.”

## 1 Artigo

# A sociologia dos países subdesenvolvidos: o “vale de lágrimas” como uma das condições de origem da pedagogia libertadora de Paulo Freire

**Dr. José Ernesto de Fáveri<sup>1</sup>**

Resumo // Este artigo é um estrato do manuscrito do pensador que fundamenta a concepção de educação libertadora de Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto. Consiste numa analogia a oração católica da “salve rainha” quando, faz referência ao “vale de lágrimas”. Esse significa todas as formas de condições materiais, precárias de sobrevivência à nação subdesenvolvida, gerando a desumanização de cada e da nação. Os filósofos, intelectuais e cientistas ligados ao poder dominante usam as ciências como instrumento eficaz e eficiente para ocultação da realidade objetiva e suas contradições, de toda a ordem às massas pelos “senhores das senzalas atuais”, para consolidar nacionalmente a consciência ingênua gerando o imobilismo social. Este artigo e a obra, é um convite para todos que acreditam na pureza e na inocência, da equivocada e de má-fé da difusão e implementação da concepção de que a educação é neutra.

Palavras-chave // Sociologia do subdesenvolvimento, consciência ingênua, Educação libertador

---

1 Graduado em Filosofia e Pedagogia; Mestrado em Educação: Ensino superior; Doutorado em Educação: Fundamentos da Educação (UFSCar/SP); Pesquisador independente; possui dezenas de artigos, capítulos e obras publicadas nas áreas da educação, filosofia e desenvolvimento nacional/regional. E-mail: [faverije@gmail.com](mailto:faverije@gmail.com); Rio do Sul/SC.

O percurso para resgatar essa obra manuscrita de Vieira Pinto, está, intimamente, ligado ao trabalho de pesquisa de mestrado<sup>2</sup>, realizado, na primeira metade da década de 90. Foi nesse processo de pesquisa, ao estudar o pensamento pedagógico de Paulo Freire, que o autor se encontra com os escritos de Vieira Pinto. Desse encontro, origina-se em 2003, o projeto e a pesquisa no curso de doutorado, realizado no programa de pós-graduação da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, S.P - na área de Fundamentos da educação sob a orientação do Dr. Paolo Nosella. Em 27 de outubro de 2006, realizo a defesa da tese, com o título; **ÁLVARO VIEIRA PINTO: trajetória, filosofia e contribuições à educação libertadora de Paulo Freire**. Esse artigo é um extrato da referida tese.

Esse artigo<sup>3</sup> sobre a obra, **A sociologia dos países subdesenvolvido**, escrita em 1975, é permeada por uma aproximação metafórica entre realidade dos países subdesenvolvidos, no caso o Brasil, com o *vale de lágrimas* (da oração católica *Salve Rainha*). O autor dedica as primeiras páginas a uma espécie de introdução metodológica do ensaio, apontando os descaminhos das práticas, metodicamente, desenvolvidas pelas elites para ocultar os fundamentos sociais desse *vale de lágrimas*.

A abordagem que segue é um extrato da obra **Sociologia nos países subdesenvolvidos**, organizada por mim. Esse artigo está referenciado no escrito inédito, anterior a publicação pela editora contraponto (2008). Essa obra aborda uma profunda análise das condições sociais e materiais em que a massa oprimida sofre o processo de desumanização, no país subdesenvolvido, através da imposição ao povo brasileiro às condições de vida de sofrimento no ser do brasileiro e no ser da nação, determinando uma existência sem dignidade nos diferentes setores da sociedade e nas múltiplas dimensões de vida coletiva nacional. O autor mostra a metodologia usada pelas elites para alienar as massas, ocultando a realidade socioeconômica dos brasileiros. Nessa perspectiva aponta como agem os falsos intelectuais dos diversos campos do saber, em defesa da ideologia opressora para ocultar a realidade objetiva. A concepção de educação libertadora mediante um processo educativo construtor da consciência crítica, capaz de mudar o modo de pensar ingênuo para uma forma crítica que contribua para as mudanças na conjuntura da sociedade para a libertação do povo oprimido; é a finalidade última de uma educação para a libertação do povo oprimido. É a semelhante a luta que se trava hoje

---

2 Trabalho este documentado e minuciosamente analisado na obra (FÁVERI, 2011).

3 O conteúdo dessa abordagem, é extrato da obra: (FÁVERI, 2014, p. 221-239).

por uma educação sem partidos, isto é, educação opressora defendida pelo governo bolsonarista. Portanto, a educação nunca foi e não será jamais neutra. Neste sentido encontramos a atualidade de se estudar o pensamento de Álvaro Vieira Pinto, como fundamentador do pensamento pedagógico libertador de Paulo Freire.

O autor sempre associa os pobres, às massas trabalhadoras, e os poderosos aos capitalistas, Álvaro Vieira Pinto (AVP), reafirma, o tempo todo, sua interpretação dialética da realidade, assentada, ainda, sobre a estrutura de classes sociais antagônicas do materialismo histórico tomando como referência a obra **o senhor e o escravo**, do pensador Hegel. Assim, na *geologia do vale de lágrimas*, interessa-lhe explicitar por que o trabalhador habita as vertentes do *vale* e o que fazer para acabar com sua torturante realidade.

As elites sempre sustentaram que a organização social dividida em classes é natural à humanidade, portanto, no *vale de lágrimas*, houve, há e haverá uma maioria sofredora, o que dificulta qualquer iniciativa de libertação e imobiliza os agentes cultos da sociedade, que em geral mantêm-se como tal, às custas de sua subserviência aos interesses dos poderosos. *As lágrimas, caracterizam a climatologia do vale, mas não o modificam.* A libertação, então, deverá ser um empreendimento do povo subjugado, que somente a concretizará com o suporte de teoria-realidade, refletindo-se uma sobre a outra através de processos educativos capazes de consolidar a transformação do pensar ingênuo para um pensar crítico sobre o mundo e que se desenvolve a existência do oprimido. Por isso, pensar criticamente é o fundamento para alavancar o comportamento social das massas para conquista a libertação de si para si no contexto de suas vidas.

O autor considera indispensável que pensadores de boa vontade e portadores de uma consciência crítica, expliquem os acontecimentos às massas, ou seja, trabalhem uma teoria revolucionária, responsável pela superação do caráter ingênuo do pensamento do povo. A teoria revolucionária revelará compreensão da natureza social dos infortúnios de classe, ou seja, as razões da opressão.

A criação de uma anti-sociologia esvaziaria, de conteúdo, a sociologia da dominação. Seu primeiro gesto seria a desmistificação da assistência humana e cristã dos dominadores, uma das quais passa pela formação acadêmica dos cientistas sociais, cujo único objetivo é legitimar, cientificamente, as ciências sociais da opressão. Assim, as armas intelectuais voltam-se contra o povo, e não a favor dele, nos países subdesenvolvidos. *A noite ártica da inteligência dos intelectuais*

*revolucionários*, como diz PINTO (1975)<sup>4</sup>, ser acompanhada da profunda compreensão do passado e do presente das culturas, para poder explicar o processo de sucessão das formações sociais, quando o contato com as massas se fizer possível. Nesse contato, mostrar-se-á, sempre, que a vigência de um sistema de liberdade econômica, segurança nacional e comunicação de massas, que enfeitiça o povo, só atende aos interesses dos que detêm a propriedade dos bens econômicos, dos meios de segurança, da comunicação e o acesso e apropriação do conhecimento. Esses, em geral, são instrumentalizados por teóricos acadêmicos que reiteram, naturalizam e legitimam tais sistemas através das chamadas pesquisas de campo, cujos resultados, espalhados em revistas científicas e congêneres, estruturam uma ideologia de dominação, composta por aparentes correntes divergentes de entendimento da realidade. No entanto, convergem no que é essencial, ou seja, afirmar o capitalismo como destino da humanidade civilizada, e a classe trabalhadora, como capaz de superar, com esforço, determinação, mais e mais trabalho, sua condição de explorada. O importante, para tal ciência da dominação, é negar, de todas as formas, a possibilidade de destruição da estrutura social em classes antagônicas, tanto quanto a destruição da dicotomia entre país desenvolvido e país subdesenvolvido.

Segundo AVP, desfigura-se a sociologia, confundindo-a com psicologia, desviando-se motivos sociais para explicações grupais e individuais, com base em conceitos de ordem psicológica, tais como *motivações, complexos, pulsões*, etc. Deslocam-se, assim, os conflitos de classe para reações individuais ou coletivas de cunho patológico. Como corolário, segue-se que a organização social capitalista é perfeita; inadaptados são alguns de seus atores. Isso granjeia polpudas recompensas financeiras aos psiquiatras que tratam dos chamados problemas psicossociais, muitos dos quais fabricados no país dominador ou na classe social dominante do país subdesenvolvido.

Diante desse quadro, os inconformados com o sistema são, justificadamente, enquadrados em programas de adaptação. E toda forma de rebeldia política é passível de tratamento, que vai da cadeia ao manicômio e, por fim a exclusão sobre as múltiplas formas e estratégias. A finalidade suprema é obter trabalho docilizado na ordem capitalista para consolidar interesse e legitimar a ordem opressora capitalista neoliberal vigente.

As distorções benéficas às elites estendem-se a outros campos do saber. A biologia é envolvida com as noções: de meio ambiente, adaptação e a naturalização

---

4 Doravante, AVP.



dos fatos e acontecimentos sociais para aceitá-los sem a devida compreensão crítica, transmutadas para a idéia de ambiente social, onde a permanência da inadaptação e transgressão na forma de pensar contrária a ordem opressora imposta pelo capitalismo neoliberal, passa a ser caso de polícia.

Por outro lado, as elites acusam os sociólogos revolucionários de estigmatizar a realidade objetiva, haja vista o progresso das relações sociais, da escravatura até o trabalho social assalariado do regime capitalista. Na verdade, estão defendendo o futuro da manutenção do capitalismo, promovendo a profilaxia da revolução e repudiando a qualidade ideológica das concepções capitalistas.

Toda sociologia é, obrigatoriamente, uma ideologia social, sendo produto do pensamento de alguém, a favor ou contra a maioria dos que são os deserdados do mundo. Uma sociologia não-ideológica ou neutra seria uma ciência sem fundo social. É o caso atual do governo bolsonaristas que defende equivocadamente uma educação neutra pela escola sem partido. Uma educação descomprometida para legitimar um pensamento abstrato que evite de qualquer maneira, através de uma prática educativa que desperte o pensar crítico das massas para gerar o imobilismo sociais e que sejam manipuláveis pelo sistema em marcha.

O autor enfatiza a necessidade de constituir o que considera uma autêntica sociologia do subdesenvolvimento ou da classe trabalhadora dominada, com procedimentos lógico-dialéticos, em contraposição aos formais e abstratos, utilizados pelas ciências da dominação e destinados a manter a inércia dos povos subdesenvolvidos no estágio colonial, isto é, fornecendo matérias-primas e trabalho braçal ou culto a grupos ou países superpotentes capazes de concentrar poder político e econômica para subjugar as nações pobres.

AVP aponta a ética como outro caminho desviante da sociologia da opressão. Pois, coloca-se os fenômenos sociais sob a tutela da moral e introduzindo a ética como critério de apreciação de dados e fenômenos sociais, substitui-se o fato pelo valor, com valores imutáveis de uma espécie de ideologia social intocável. O cientista social converte-se em advogado do *status quo* e teólogo das relações sociais sob o capitalismo, repudiando as categorias do pensamento crítico-dialético e cultivando a consciência ingênua. Segundo a lógica dessa teologia, o sentido da exploração do trabalho é assumido apenas como natural diversificação das formas produtivas para que o trabalho das massas gere passividade e produz mais riqueza para as elites nacionais e internacionais consolidando a dominação e a servitude da nação pobre para satisfazer os interesses das nações ricas que nos exploram.

A ciência do Direito é mais um campo de cultivo da consciência ingênua dos intelectuais da elite criando uma cultura antirrevolucionária. Aplica técnicas de obtenção do consenso social passivo em torno das distorções da sociologia para a área dos valores e penaliza os infratores dos valores absolutos do sistema democrático capitalista. Essa ciência oferece interpretações diversas a situações de corrupção em função da classe social, e combate, sob o nome de subversão, qualquer iniciativa que ponha em risco a ordem opressora estabelecida, em todos os setores da sociedade, sob estratégias diferentes, mas com o objetivo de manter viva a consciência nacional ingênua das massas. Quando os estratagemas ideológicos falham, não falha a repressão material impiedosa dos poderosos, pelo uso irracional dos aparelhos ideológicos e repressões que detém em seu alcance.

Finalmente, para impedir a compreensão da realidade objetiva, os sociólogos de má-fé apontam para ainda outro desvirtuamento da sociologia: o deslocamento do fato social para o campo da biologia, confundindo as leis que regem a convivência dos animais superiores com as da convivência humana. Assim, exploradores e explorados são identificados como fortes e fracos, sendo o reflexo sociológico da lei da vida, uma espécie de darwinismo social, onde os fracos são naturalmente devorados pelos fortes. Mais uma vez, AVP advoga o uso da dialética materialista histórica para explicar as relações de trabalho típicas da sociedade humana e denuncia o uso hipócrita que os sociólogos da burguesia fazem das ciências da vida, para naturalizar a existência permanente do *vale de lágrimas*, onde habitam os explorados pelo capitalismo numa *luta pela vida*, que é mais luta inglória do que vida.

Conceitos da cibernética, também, são acoplados às estruturas da sociologia justificadora da miséria do mundo, que somados à psicologia, biologia, ética e ecologia, oferecerão substratos para trabalhar uma noção de raça que desvirtua os menos afortunados, marginalizando-os do processo de humanização e legitimando as elites no seu status quo. Vejamos o exemplo recente a tragédia que foi o ensino remoto. A pandemia trouxe-nos o desmanche da ocultação da realidade nacional desvirtuada pela classe política e econômica a favor dos ricos, mostrando a precariedade e os problemas ocultados formando o atual “vale de lágrimas” nos diferentes setores da sociedade brasileira.

Para atribuir qualidade e cientificidade às suas proposições, os sociólogos da burguesia, também, valem-se da matemática, de cuja manipulação estatística retiram valiosa colaboração nas correlações entre dados sociais, principalmente de caráter demográfico, além de, projeções gráficas, diagramas e curvas que sempre

serão lidos de acordo com os interesses do sistema para ocultar a realidade as massas e fortalecer os interesses da elite. Além disso, a obstinação pelo uso de medidas exatas, ou uma sociometria para uma ciência qualitativa como a sociologia, só pode conduzir a distorções da interpretação dos fenômenos sociais e da realidade nacional objetiva.

Entre as estratégias disciplinares mais contundentes para produzir o viés do estudo da luta de classes, está, para AVP, a redução da sociedade a grupos sem divisões internas e com características de acordo com sua composição, sendo estudados através da dinâmica de grupos. O grupo é ninguém porque é figura retórica da sociologia que sustenta a tecnoestrutura da sociedade autoritária dinamizada e consolidada pelas elites de poder opressor. Serve apenas para comparações e classificações sem interesse para uma sociologia revolucionária, mas de grande utilidade para a produção de trabalhos escolares acadêmicos inúteis, que apenas ocupam o tempo daquilo que deveria ser estudado, criando falsos problemas e soluções sem utilidade, além de reduzir o estudo dos grupos à sociedade mais próxima, local e familiar, desviando os estudos da sociedade global.

Aos sociólogos dessa sociologia, a quem AVP chama de *sociologetas*, cabem defender a democracia do capitalismo, dedicando-se à aferição de adesões, repúdios e realização de sociodramas, orquestrados pela dinâmica de grupos, que dirige o olhar da mobilidade para os minigrupos e opaciza o estudo das relações de classe social. Completa-se a deformação com um arsenal matemático de apoio a inquéritos, sondagens e recenseamentos demográficos por amostragem que oferecem, à opinião pública, os elementos necessários para que ela pense, eleja e comporte-se como convém aos dirigentes das democracias liberais. Sub-repticiamente corre a premissa de que é livre a circulação entre os grupos e nos grupos; logo a ascensão social depende do interessado. A tese de AVP é de que se faz associação fácil entre sociologia e psicologia e dessa com a psicanálise. Um passo tão pequeno quanto a sondagem de condutas para o tratamento adequado das individualidades assalariadas. Afasta-se, de todas as maneiras, a homogeneização dos *grupos de baixo*, para extirpar, pela base, a luta de classes. Para os problemas dos grandes grupos, há a política, o governo e a administração pública. E para manter todos unidos, esportivamente, em lutas racionais e naturais do mundo capitalista, e não de classes, os teóricos, alvo da crítica severa de AVP recorrem à teoria da identificação pelos símbolos e à teoria da pacificação pelos símbolos.

Conforme AVP, recentemente os sociologetas introduziram, nos mecanismos de ocultação do *vale de lágrimas*, no âmbito da cibernética, cálculos que



estudam e criam processos de controle dos seres vivos e máquinas, operando, quase ilimitadamente, sobre projetos e programas sociais e cujas conclusões, a gosto dos sociólogos de aluguel, são tornadas, na atualidade, expressões máximas do saber científico. A cibernética, tornando-se a ciência do governo da sociedade, promete trazer a solução ideal à sua direção, apelando para a redenção da humanidade graças à redenção dos robôs, desaparecendo, afinal, o *vale de lágrimas*. AVP reafirma, enfaticamente, que, somente a redistribuição da propriedade dos meios de produção seria a solução, obtida pela luta incessante das massas na nova ordem política do mundo. A evolução tecnológica apenas continuará beneficiando os capitalistas, consumidores na acepção da palavra – inclusive da classe oposta, ou seja, a classe trabalhadora pelo esgotamento das suas forças. Por isso, o rico é uma classe de indivíduos que além da dominação que promovem na sociedade pela usurpação do trabalho, o rico tem de ser compreendido como um ser agressivo porque regressivo. Isto é, sujeito de práticas e relações de violência sobre o ser do oprimido para tirar vantagem de toda a ordem em seu próprio proveito egocêntrico, no sentido de consolidar a sua posição de opressor e dessa forma evitar o desaparecimento da classe dominante que integra.

No encobrimento do *vale de lágrimas*, operam em conjunto a cibernética, a informática e a teoria da comunicação. Conforme AVP, as massas sofrem, apesar disso, de máxima deficiência de informação e de comunicação num mundo que se diz potencializado pela informática e pela comunicação, mas que é regulado pela *voz do pastor* e pelo *balir obediente das ovelhas*. Além do discurso “dos pastores” acalenta a alma para que acreditem na falsa esperança, que em via de regra serve para aumentar o imobilismo social e a supremacia dos condutores do rebanho pelo exercício o poder pastoral sobre as massas sujeitas aos interesses supra pastorais, sendo conduzidas para nunca reagirem diante da atual situação de opressão por ser desígnios e vontade divina.

A partir desse ponto, AVP dedica-se a explicar como se dá a direção financeira e social dos centros hegemônicos sobre os países do *vale de lágrimas*, dizendo ser, a economia, a ciência que ocupa o papel central na mistificação global. Para tanto, inicia com o desvelamento da noção de capital, pois, aí, reside o interesse máximo dos beneficiários do sistema em ocultar que o mundo pode viver sem a presença e as funções do capital. Nosso autor recorre à história dos povos para provar que a inevitabilidade do sistema capitalista, para uma sociedade bem organizada, é um engodo que a burguesia implantou a partir do século XVI.

Demonstra como a universidade cumpre o papel selecionador e criador das teorias e modelos convenientes, exemplificando como os futuros economistas, ao invés de se enfrontarem em conceitos teóricos sérios, como opressão, exploração, trabalho não pago, têm seus neurônios ocupados em invenções fantasiosas, como produto nacional bruto, rendimento per capita, concentração de recursos, capacidade e equilíbrio de endividamento e mais centenas de conceitos vazios em dialeto ianque. Tais economistas recebem, com o diploma, o poder de anunciar a descoberta das soluções salvadoras para a maioria, já que as massas, sem diploma, são tornadas incompetentes para emitir julgamentos e, verdadeiramente, incapacitadas pela supressão do acesso ao saber.

No afã de conter o surgimento da consciência de si no país subdesenvolvido, afirma AVP que as elites convencem as massas da impossibilidade de superarem suas deficiências políticas, econômicas e culturais por si só, porque a miséria não gera ciência, tendo então de aceitar a *generosidade* dos países ricos.

O país pobre não pode pensar, mas, sim, seguir *modelos de desenvolvimento de pensamento* por outros desenhados. Só o surgimento da consciência de si, segundo AVP, supõe a presença de pensadores e líderes políticos que se disponham a dizer a verdade e partir para a ação, o que não acontece facilmente, porque a alienação cultural fabricada pelo imperialismo anestesia e imobiliza o povo subdesenvolvido para se embrenhar na lutar por sua libertação.

AVP afirma a tese de que o subdesenvolvimento tem de ser pensado, pelo mundo subdesenvolvido, em esforço de ascensão e executando uma política de libertação de todas as submissões. Em contraposição, o autor afirma que desenvolvido é o país soberano, ou seja, um modo de ser existencial da população autônoma e com igualdade cultural, social e econômica.

Em todos os momentos, AVP insiste que só a lógica dialética não idealista, está capacitada a apreciar a correlação entre os diversos processos nacionais, e não as matrizes de pensamento quantitativas comparativas, como as usadas pelas disciplinas universitárias e seus peritos de aluguel do capitalismo liberal, que ele designa por imperialistas. Considera que a dialética do desenvolvimento é inseparável da luta do povo por sua ascensão política, crendo, decididamente, na revolução política transformadora.

AVP denuncia a falsa inteligência de esquerda, que através de encontros, seminários e afins, gesta novas manifestações no vernáculo em consonância com seus professores das nações hegemônicas. Fixado para o momento o vernáculo gerador da teoria, encenam-se os encontros e os debates, fórmulas para fazer

outros acreditarem nas invenções recém-nascidas. Disso se incumbem os proprietários dos meios de comunicação, o mercado editorial e as cátedras universitárias, de preferência atuando em linguagem hermética e indecifrável. Tudo isso funcionando como freio para a consciência dos povos atrasados. AVP denuncia tais intelectuais como traidores do povo, esses que fazem crer que traidores são os que falam pela voz das massas trabalhadoras.

AVP ressalta que os técnicos, políticos ou cientistas sociais acusam de escandalosos os estudiosos sérios que falam em subdesenvolvimento e utópicas as idéias nacionalistas que incidem na mais primária compreensão dos fatos. Por isso, são subversivos, perturbadores do trabalho pacífico e esclarecido dos técnicos. Quanto à consciência popular, os técnicos, convertidos em autoridades administrativas, consideram que o povo nada tem a dizer sobre conceitos nebulosos e imprecisos, porque o golpe semântico transformou realidade em conceito, longe da curiosidade do povo. Os dirigentes fiéis às tradições nacionais, que nada mais são que as tradições da classe dominante, afirmam que o certo é como eles tratam as questões e, se não for assim, será o caos, ou seja um estado social que nunca existiu nem poderia existir, mas com o qual o imperialismo atemoriza as massas, sobre pensar numa transformação social acelerada.

Finalmente, o pedagogo parasita incluirá o subdesenvolvimento no campo da etnografia, identificando os subdesenvolvidos com primitivos objetos de estudo do mundo colonizador, enquanto seus sábios tomam o lugar de sujeitos da história e das pesquisas científicas. Diz AVP que reduzir outro homem à condição de objeto é reintegrá-lo na condição do escravo da dialética hegeliana.

O país subdesenvolvido sempre deixa de existir como tal e converte-se em laboratório da ciência importada, com seus mestres que educam os noviços aprendizes locais no dogma do saber sociológico de que a realidade do país atrasado só pode ser objeto de definição e estudo por parte dos adiantados, que constituem a ciência e a consciência da inferioridade dos nativos. Não existe “norte-americanologia” ou “francologia”, mas sim “egiptologia” e muitos “brasilianistas”, já que a sociologia do dominador fala sozinha: A ideologia do dominador está portanto encurralada nesta insolúvel contradição: ou não se dá a conhecer às suas vítimas, e nesse caso não cria discípulos nem instala megafones; ou avassala os centros de ensino, as escolas, faculdades, os jornais as revistas e as prateleiras das livrarias, mas ao tirar a máscara deixa patente a

face disforme da sua hediondez moral. [...] Ao tomar conhecimento da “ciência” do inimigo, o intelectual do mundo subdesenvolvido adquire decisiva superioridade. Passa a valer-se dela a fim de dizer para si e para os seus a ciência verdadeira, a teoria econômica desalienada, que deve libertar o país submisso (PINTO, 1975, manuscrito).

Para AVP, a crítica é a arma dos intelectuais despertados para a realidade do país, mesmo que os dominadores insistam em declarar que o subdesenvolvimento exige, para ser estudado, uma metalinguagem. Afirma que, afinal, estamos diante de processos históricos, e não semânticos, rumo a um único objetivo que é a humanização do trabalho e cessação da pilhagem de áreas indefesas por falta de consciência de si.

AVP chama a atenção de que a relação de dominação, sendo um fato dialético total, não se resume ao recebimento passivo de ordens ou lições. O dominador julga destruir o dominado, mas estabelece com ele um diálogo confrontante, que vai do debate lógico ao choque revolucionário violento. A revolução é a metalinguagem dos que não podem falar. Já a violência da dominação consiste em criar, no meio nacional vencido, uma legião de violentos, educá-los com atribuições dirigentes, administrativas e intelectuais, que apelam para a censura irracional, para as pesquisas, a catequese e outras estratégias que vencem porque convencem, com a divulgação das idéias que constituem *o saber*.

Esse saber dos estudiosos da sociedade, que responde pela dominação, passa por dotar o social de caráter abstrato, ornamentando-o com o verbete *sociologia geral*, confundido com generalidades da sociologia, que vem a constituir os alicerces de tal ciência, no âmbito do idealismo filosófico. Tais artimanhas continuam no âmbito pedagógico.

Por outro lado, nosso autor defende que a base das ciências sociais tem de partir da realidade particular, existencialmente vivida, para chegar às idéias gerais totalizadoras:

O pecado mortal na formação do sociólogo das áreas pobres consiste em partir da sociologia feita para definir o subdesenvolvimento, quando o que compete ao intelectual nativo é partir do seu subdesenvolvimento para definir a sociologia (PINTO, 1975, manuscrito).

O procedimento adequado, segundo nosso autor, é:

[tendo] fundado a ciência no particular concreto, atravessará a camada do universal abstrato para daí chegar, por fim, ao universal concreto, o ponto de máxima altitude na inteligência científica. Para isso, porém, precisará estar munido do instrumental lógico dialético, sem o qual a ascensão inteligível o transformará num alpinista malograda sociologia (PINTO, 1975, manuscrito).

Para AVP, aos povos atrasados compete elaborar a ciência social global, refletindo a condição total em que vive a humanidade inteira para gerar a consciência crítica sobre as condições materiais locais que geram a dominação e sujeição desumana de si e do coletivo que o povo está inserido. A dialética aponta a superioridade do escravo sobre o senhor, segundo ele; pertence à genuína humanidade adolescente que se prepara para a revolução científica, invertendo as posições sociais. É interessante notar, afinal, que para o nosso autor a racionalidade dialética é a grande esperança da humanidade. É ela que anunciará a verdade sobre a dominação e teoricamente dará condições para extinguir todas as formas de exploração do trabalho humano.

O autor afirma ser a pedagogia a arma por excelência da classe dominante na metrópole e na colônia. Travando-se, aí, uma luta incessante entre os diversos especialistas. No âmbito da economia, transformam os índices financeiros em índices econômicos. AVP esclarece que o âmbito da economia é o da produção, antes e depois de essa ser ciência. As finanças funcionam no âmbito do intercâmbio, operação que foi-se complicando, nas sucessivas formações históricas. O ardil está em misturar relações sociais e correlações financeiras, envolvendo tudo em análise abstrata.

AVP esforça-se nessa tese porque está convencido de que o conteúdo das ciências consumidas atualmente é, ideologicamente, comprometido. Sua exemplificação do conteúdo inerente ao conceito de consumo atesta tais desvios em malefício dos povos oprimidos. A disparidade do processo de consumo, dentro de um mesmo país, é o melhor indício da real condição de nação subdesenvolvida. As classes ricas do país pobre são, segundo nosso autor, as classes pobres do país rico. Todos querem o desenvolvimento, mas, segundo os capitalistas, esse não implica na igualdade econômica, porque a desigualdade faz parte da ordem natural das coisas. Só dizem o contrário, sonhadores utópicos e agitadores profissionais. Quando

o capitalista fala em desenvolvimento, refere-se a algo no país em geral, e não ao povo em particular, em totalidade igualitária. AVP protesta, contundentemente, contra o que dizem os capitalistas:

A distribuição, espantosamente desigual, da renda e do consumo, portanto, longe de ser um estigma moral, uma situação oprobriosa, enodoando o país, resulta da capacidade da iniciativa particular, e pessoal de alguns poucos empresários ou homens de negócio, que não pode ser exigida das massas em geral (PINTO, 1975, manuscrito).

*A sociologia do vale de lágrimas* termina assim. Mais uma intuição realista quanto atual do nosso autor. No dia 27 de janeiro de 1975, AVP assinava o manuscrito de quatrocentas páginas, sem nenhuma referência bibliográfica. Sua penúltima obra, repleta de adjetivações metodológicas e de substantivas contribuições epistemológicas e pedagógicas.

*A sociologia dos países subdesenvolvidos é leitura essencial para quem acredita na pureza da escola*, da universidade, do direito, da economia e das demais chamadas disciplinas científicas forjadas, institucionalmente, por especialistas que as consomem, ao mesmo tempo em que delas se nutrem, e, de tantos outros pilares institucionais, tão difíceis de serem desnudados cruamente ante educadores e aspirantes a profissionais universitários.

A importância de Álvaro Vieira Pinto, como fundador do pensamento pedagógico libertador de Paulo Freire, consiste em inspirar o referido pedagogo, legítimo intelectual representante da nação subdesenvolvida, organizar uma teoria da educação, a partir da realidade nacional para contribuir com a formação da consciência social crítica das massas trabalhadoras. Dessa forma, simultaneamente, contribui para elaboração e a difusão no contexto social, a ideologia do desenvolvimento nacional de si e para si. Por outro lado, proporciona via processos pedagógicos, a mudança nas formas de pensar ingênua das massas oprimidas para uma forma de pensar crítica, em torno da realidade nacional opressora, com o fim gerar uma reação coletiva, objetivando a libertação das massas trabalhadoras oprimidas, através da implementação do projeto de desenvolvimento nacionalista para superar as condições desumanas impostas pelo subdesenvolvimento à nação brasileira.

Por isso, a educação não faz a revolução, mas consegue mudar a forma ingênua de pensar para uma forma mais crítica, incitando, as massas, conscientemente,



pressionar coletivamente, a mudança na lógica da opressão através da criação e implementação de políticas nacionalistas de desenvolvimento, para melhorar as condições materiais e culturais das massas num mesmo processo de produção material da existência. Enfim, definir um pensamento social crítico avançado entre as massas trabalhadoras, sobre a realidade nacional, exercendo pressão sobre o poder instituído com o intuito de realizar as mudanças necessárias com o fim de melhorar a qualidade de vida material e cultural para toda a nação pobre e oprimida com a contribuição indispensável de uma educação libertadora defendida por Paulo Freire.



## Referências bibliográficas

FÁVERI, José Ernesto de. **Álvaro Vieira Pinto**: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire. São Paulo, LiberArs, 2014.

\_\_\_\_\_. **Álvaro Vieira Pinto**: trajetória, filosofia e contribuições à educação libertadora. 2006. Tese (Doutorado) Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,

Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 583 páginas.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Educação**: o ensino de Filosofia na perspectiva Freireana. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **A sociologia dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro (1975). Aproximadamente 400 páginas. Manuscrito/Inédito. Hoje essa obra está publicada, cuja a organização foi realizada por mim. PINTO, Álvaro Vieira. **A sociologia dos países subdesenvolvidos**. Org. José Ernesto de Fáveri. Rio de Janeiro: contraponto, 2008.